

# SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOCRÁTICO NA CONTEMPORANEIDADE

## ON THE IMPORTANCE OF SOCRATIC THOUGHT IN CONTEMPORARY

*Dennyson Arruda de Souza*<sup>1</sup>  
*Cesar Augusto Veras*<sup>2</sup>  
*Fernando Campos Peixoto*<sup>3</sup>  
*Pedro Pereira Borges*<sup>4</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo principal analisar a importância de Sócrates na contemporaneidade, em um mundo marcado por crises e dilemas éticos e morais, bem como pelo fatalismo. Procurou-se trabalhar a ideia de que na contemporaneidade, a filosofia, de maneira particular, enquanto a arte de analisar-se, ficou esquecida e o entendimento do filosofar passou a ser entendido como autoajuda. Para dar cabo ao objetivo proposto, a metodologia adotada será a de caráter bibliográfico. Quanto ao método este será o dedutivo. É possível intuir que antes de se iniciar uma “cruzada” pela moral e os bons costumes, o correto mesmo seria iniciar uma cruzada pela retomada da consciência. Conclui-se neste estudo que a “concertação” social que levou ao trágico desfecho de Sócrates, é um fenômeno que volta e meia se instala em uma sociedade, o que passa por um processo de esvaziamento da “polis”, do espaço público, o que dá início a uma reação em cadeia, pois assim o próprio tecido social vai se fragilizando, sendo que lugares, culturas e interesses deixam de ser elementos criadores de vínculos entre as pessoas. Diante deste cenário, a sociedade se torna um espaço fértil para acusações mútuas, falsas lideranças e extermínios, entre outros processos históricos. Com isso, é possível notar que as relações interpessoais dentro e fora dos espaços públicos é fundamental para o desenvolvimento orgânico do bom senso, como se fosse uma espécie de jusnaturalismo formado por leis de convivência que não se encontram escritas nos textos legais. E que o surgimento da sociedade de massas é fruto de um cenário no qual a pluralidade e o contraditório deixaram de ser algo salutar.

**Palavras-chave:** Sócrates. Ética. Fatalismo. Crise. Atualidade.

**Abstract:** This study aims to analyze the importance of Socrates in the contemporary world, in a world marked by crises and ethical and moral dilemmas, as well as fatalism. We tried to work on the idea that in contemporaneity, philosophy, in particular, as the art of analyzing itself, was

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Graduando em Teologia pela mesma instituição. E-mail: dennysonramires@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior e em MBA Executivo em Gestão Empresarial pela mesma instituição. Pós-Graduado em MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Atualmente cursando graduação em Teologia pela UCDB. E-mail: veras.cesaraugusto@gmail.com

<sup>3</sup> Licenciado em Filosofia pelo Claretiano-Centro Universitário (CLARETIANO); Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Pós-Graduado em Gestão de Pessoas pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Pós-Graduado em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Pós-Graduado MBA em Liderança e Coaching na Gestão de Pessoas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Mestrando em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: fernandocamposdf@gmail.com

<sup>4</sup> Possui graduação em Pedagogia e Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande-MS (UCDB-CG), graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino de Belo Horizonte (ISTA) e Università Pontificia Salesiana di Roma (UPS-Roma) (2001), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2007) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (2012). E-mail: pobojarj@uol.com.br

forgotten and the understanding of philosophizing came to be understood as self-help. To carry out the proposed objective, the methodology adopted will be bibliographic. As for the method, this will be the deductive one. It is possible to intuit that before starting a "crusade" for morals and good customs, the correct thing would be to start a crusade to regain consciousness. It is concluded in this study that the social "conciliation" that led to the tragic outcome of Socrates, is a phenomenon that occasionally settles in a society, which goes through a process of emptying the "polis", the public space, the which starts a chain reaction, as the social fabric itself becomes fragile, with places, cultures and interests no longer being elements that create bonds between people. Given this scenario, society becomes a fertile space for mutual accusations, false leadership and exterminations, among other historical processes. Thus, it is possible to notice that interpersonal relationships inside and outside public spaces are fundamental for the organic development of common sense, as if it were a kind of natural law formed by coexistence laws that are not written in legal texts. And that the emergence of mass society is the result of a scenario in which plurality and contradiction are no longer healthy.

**Keywords:** Socrates. Ethic. Fatalism. Crisis. Present.

## **Introdução**

Este estudo tem como objetivo principal realizar alguns apontamentos sobre a importância de Sócrates na contemporaneidade, em um mundo marcado por crises e dilemas éticos e morais, bem como pelo fatalismo, em decorrência da pandemia. Também se objetiva, em plano secundário, propor uma reflexão sobre a influência do pensamento de Sócrates acerca da fatalidade e da crise ética, reverberando em autores modernos, como no caso a ser visto de Hannah Arendt, buscando esta análise também acerca do âmbito cotidiano.

Apresentaremos uma breve noção ao pensamento de Sócrates e seu legado para a filosofia. Além disso, exploraremos como o pensamento de Sócrates se aplica em um mundo marcado por crises éticas e dilemas morais. Por fim, identificaremos qual a contribuição que o pensamento socrático pode oferecer em um mundo marcado pelo fatalismo, em decorrência da pandemia, levando em consideração o desfecho trágico pelo qual o próprio filósofo vivenciou.

Este estudo justifica-se pela importância dos conceitos apresentados por Sócrates para se exprimir não só a influência dele no pensamento de filósofos modernos e contemporâneos, mas na capacidade de observar as relações cotidianas, mais precisamente as estabelecidas num período pandêmico. A conceituação dos princípios da Ética e noção sobre o fatalismo, também de uma forma empírica, enxergados a partir de Sócrates nos é caro para esta pesquisa, não apenas a termos de legado filosófico, mas ao examinar o presente.

## **1. A figura de Sócrates**

Sócrates nasceu entre 470 e 469 a.C no seio de uma família ateniense simples, formada por uma parteira chamada Fenarete e um escultor especializado no entalhe de colunas chamado Sofronisco<sup>5</sup>. Sócrates logrou se tornar um dos grandes nomes da história da filosofia, no entanto, sua passagem por este mundo se encerrou em um trágico fim, pois foi condenado à morte pelos atenienses por meio da ingestão de veneno. Para Melo (2015), Sócrates deve ser lembrado pela sua busca por princípios capazes de fundamentar uma vida melhor, podendo ser mencionado como o primeiro que direcionou a prática filosófica para o ordenamento dos costumes, ao invés de se dedicar apenas ao estudo da natureza.

Sócrates mostrava, então, [...], uma personalidade paradoxal, ao mesmo tempo, de aspecto humilde, de inteligência aguçada e intenso poder de argumentação, aliados a valorização espantosa da indulgência – incomum entre os atenienses: “expressa pela sentença de que ninguém erra voluntariamente” (...) Ao se referir ao “melhor, o mais sábio e o mais justo dos homens” (Fédon, 118a), Platão faz de Sócrates um homem único.<sup>6</sup>

De acordo com Pimenta (2019), ninguém se mantém indiferente ao entrar em contato com a figura de Sócrates, uma afirmação que pode ser comprovada pelos relatos de seus contemporâneos que puderam travar algum tipo de contato pessoal com ele, sendo que ficou conhecido por se abrir ao diálogo com todos. “Sócrates busca e encontra seus ouvintes nos mercados, nos ginásios, nas oficinas de artesãos, nas lojas. É um homem da rua”<sup>7</sup>. Entendia que uma das melhores experiências pela qual um indivíduo pode passar é promover um exame crítico de elementos capazes de dar sentido à experiência individual, no contexto da busca interminável pela verdade<sup>8</sup>.

Quem responde à Sócrates acaba por responder a si mesmo, chamando para si questionamentos que a um primeiro momento lhe pareceria algo alheio ao interesse. Aos seus interlocutores, “ele os enchia de uma perturbação que os levava eventualmente a colocar em questão toda sua vida” (HADOT, 2012, p.11). Ele é como que “um mestre sem doutrina”, um sábio que alega não saber nada, uma pessoa acessível e aberta, mas

---

<sup>5</sup> Cf. MELO, 2015.

<sup>6</sup> MELO, 2015, p.58.

<sup>7</sup> HADOT, 2012, p.17.

<sup>8</sup> Sobre a postura de Sócrates Tarnas (1999, p.47) diz que ele, “com insistência, buscava respostas para perguntas que jamais haviam sido feitas, procurava derrubar pressupostos e crenças convencionais para provocar uma reflexão mais cuidadosa sobre questões éticas”.

que ao mesmo tempo não pode ser descrito como um modelo de comportamento<sup>9</sup>. Nesse sentido, Sócrates é uma figura ateniense que causava considerável perplexidade em seus concidadãos. Pimenta (2019) considera que uma indagação acerca de quem é Sócrates é algo impossível de responder sem a discussão em torno dos testemunhos de seus contemporâneos e sem o desenvolvimento de uma experiência do mundo com base nestes testemunhos.

Um dos motores do fascínio exercido pelo personagem talvez seja sua curiosidade intelectual, a força de sua boa disposição para pensar bem. Ao frequentar sua conversação, nem os mais impermeáveis, como os soberbos ou os preguiçosos, se recusam a examinar, diante de suas instâncias, as próprias convicções, expressas por meio de opiniões, de modo a conferir se dispõem de fundamento racional defensável. Este ânimo indagativo parece contagioso, pois o movimento que ele desencadeia em busca de razões capazes de justificar qualquer modo de vida estabelecido quase sempre conta com a adesão dos circunstantes<sup>10</sup>.

Atenas, berço da democracia, executou Sócrates no ano 399 a.C pelo crime de comportamento não piedoso (*asebeia*)<sup>11</sup>, que pode ser descrito como uma atitude irreverente perante os deuses da *polis*. De acordo com Nails (2006), seus acusadores - Meletus, Anytus e Lycon, defendiam que Sócrates havia se tornado uma influência corruptora dos jovens que lhe faziam companhia e imitavam seu comportamento. Havia mais de trinta anos que a cidade convivia com reclamações e piadas sobre Sócrates, ao ponto de um comediante ter criado em 414 a.C o termo "socratizar" (*Sokratein*), para descrever a conduta de jovens de cabelos longos que se recusavam a tomar banho e carregavam paus, o que ia contra os modos espartanos. Sócrates foi vítima de uma onda de "fundamentalismo religioso" que trouxe consigo um aumento acentuado do número de julgamentos acerca do crime de comportamento não piedoso (*asebeia*) em Atenas. E a despeito de Sócrates defender que não era ateu e que nunca havia buscado corromper os jovens ou prejudicar alguém, foi considerado culpado. Preferindo a morte ao ostracismo ou a interrupção de sua atuação enquanto filósofo<sup>12, 13</sup>.

Platão narra a acusação, julgamento e execução de Sócrates em uma série de cinco diálogos, o *Theaetetus*, *Euthyphro*, *Apologia*, *Crito* e *Phaedo*, ambientados na

---

<sup>9</sup> PIMENTA, O. O exemplo de Sócrates. *Discurso*, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 79–106, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2019.165475.

<sup>10</sup> PIMENTA, 2019, p.5

<sup>11</sup> Asebeia era uma ofensa criminal na Grécia antiga, que significa "impiedade" e "sacrilégio contra os deuses", da qual Sócrates foi acusado.

<sup>12</sup> Cf. NAILS, 2006.

<sup>13</sup> NAILS, Debra. The Trial and execution of Socrates. AHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. *A Companion to Socrates*. Blackwell: Oxford, 2006.

primavera e no verão daquele ano de 399 a.C. Existem outros relatos, mas é o de Platão que se tornou o mito fundador da filosofia e que imortalizou Sócrates no imaginário popular como um homem de profunda força moral e inteligência - embora também como um indivíduo singularmente peculiar e inescrutável.

## **2. Crise Ética**

Se na Grécia antiga os homens não se responsabilizavam por suas próprias ações, porque viviam em completa obediência aos desejos e as vontades criadas pelos deuses, a partir de Sócrates, o homem começou a ter outra ideia sobre si, que dentro de sua alma estava as razões para sua vida<sup>14</sup>. Para Sócrates, o mais importante na vida não era apenas o fato da vida, mas as razões pelas quais o homem vive. Com as diversas transformações que a sociedade vivenciou ao longo das épocas, de maneira particular o expressivo avanço técnico-científico, que acaba por abranger também a desestabilização da vida social, escassez das reservas naturais e poluição do meio ambiente, interesses individuais acima do Bem Comum, emerge uma crise ética<sup>15</sup>. Acerca disso, Rocha (2007, p.10) afirma que:

Por ilusões da Modernidade, entendo aquelas criadas pela razão que se tornou o eixo do universo simbólico da era moderna e que dominou o Ocidente pós-renascentista, principalmente nos últimos séculos do milênio passado. Refiro-me à Razão técnico-científica, que substituiu a Razão clássica dos antigos e dos medievais.

O que nos atinge no cotidiano com relação a crise ética<sup>16</sup> é justamente as mudanças que a pandemia causou em âmbitos políticos, sociais, de saúde. De acordo com Mulinari (2020), diante das realidades de uma crise de saúde pública, bem como de uma crise econômica, uma série de questões éticas surgem das políticas públicas: devemos estabelecer limites econômicos flexíveis a fim de combater uma pandemia altamente letal? Até que ponto podemos limitar a liberdade de agrupamento? É eticamente aceitável aumentar o risco do grupo mais vulnerável (idosos, asmáticos, etc.) para ter um melhor

---

<sup>14</sup> Na perspectiva socrática, “o ‘humano’ só tem sentido e explicação se referido a um princípio interior ou a uma dimensão da interioridade presente em cada um e que ele designou justamente com o antigo termo de ‘alma’ (*psyché*)” (VAZ,1991, p.34).

<sup>15</sup> Não estamos criticando os benefícios inegáveis que também são advindos desses avanços, mas a crise que foi gerada a partir de transformações que afetaram a ordem social como um todo.

<sup>16</sup>Para aprofundar tal temática, pode-se conferir TARNAS (1999), como também Ortega y Gasset (2016), de maneira particular sua obra *A Rebelião das Massas*, onde ele comenta a transformação das estruturas sociais com o advento dos dilemas que afetaram a ordem social.

equilíbrio da economia? A resposta a essas perguntas tem a ver com considerações éticas e políticas que muitas vezes são antagônicas<sup>17</sup>.

Pensando neste debate, este estudo repousou também sua atenção a analisar como a influência da figura de Sócrates para o debate sobre a crise ética se fez nos trabalhos de Hannah Arendt. Ela escolhe a palavra ‘consciência’ como sua palavra de ordem, não se atendo necessariamente à história do conceito, ao entender que a longa história da consciência é repleta de mal-entendidos, ao defender que ‘consciência’ não se configura como a voz de Deus ou da Natureza<sup>18</sup>. Assim, na perspectiva de Ojakangas (2010), Hannah Arendt acredita que o conceito de consciência pode ser entendido como uma metáfora para as relações do homem consigo mesmo - e especialmente para um "efeito colateral" de tais relações. O que leva a crer que Arendt não se baseia no pensamento de Cícero, Paulo, São Tomás de Aquino ou Freud acerca da consciência, mas Sócrates, ao entender que representa o paradigma de um ser consciencioso e ativo<sup>19</sup>.

Sob a perspectiva de Hannah Arendt, uma relação entre a filosofia e a política é estabelecida, tendo como fio condutor a condenação de Sócrates, bem como a repercussão desse evento para toda a história da filosofia política no Ocidente. Concomitante a isso, Passos (2013) afirma que está condenação marcou a ruptura entre filosofia e política e permite compreender como os tempos sombrios se tornam uma possibilidade. A sociedade que elege o trabalho como elemento principal de uma vida ativa, cria um circuito autopoiético, formado por uma dinâmica cíclica, repetitiva e anônima destinada a criação de bens de consumo, sendo que as forças de mercado se encarregam de criar novas demandas quando elas não existem, ou seja, cria novos nichos e novas divisões entre os indivíduos quando uma novidade já se esgotou<sup>20</sup>. Resulta desse contexto, uma situação em que o espaço plural é esvaziado, pois as necessidades imperativas são

---

<sup>17</sup>Ao adotar tal afirmação, não fazemos com o objetivo de criticar um governo específico, mas sim de expor que existe um critério fundamental de “discernimento” em qualquer decisão, ou ao menos deveria existir. Porém, para que o critério exista é preciso um exame muito apurado da realidade interior, algo que Sócrates tanto nos convida a fazer. Sócrates “acreditava que somente através do autoconhecimento e da compreensão da psique poder-se-ia encontrar a verdadeira felicidade. [...] A felicidade não seria a consequência de circunstâncias físicas ou externas, da riqueza, do poder ou da reputação, mas de uma vida boa para a alma” (TARNAS, 1999, p.49).

<sup>18</sup> Cf. OJAKANGAS, 2010.

<sup>19</sup>Com esta relação ao pensamento de Arendt, é possível notar que a influência do pensamento socrático não se restringiu à uma determinada época ou lugar, mas teve ressonâncias para o desenvolvimento de reflexões fundamentais no pensamento ocidental.

<sup>20</sup>Cf. SILVA, 2013.

basicamente as mesmas, e assim, a relação interpessoal em uma sociedade de empregados faz com que o vazio invada o próprio interior dos indivíduos<sup>21</sup>.

Portanto, é possível dizer que em decorrência deste esvaziamento da “polis”, o próprio tecido social vai se fragilizando, pois, lugares, culturas e interesses deixam de ser elementos criadores de vínculos entre as pessoas, espaços plurais, embora formados por pessoas que tem interesses afins, sendo que de acordo com Silva (2013) a relação interpessoal nestes espaços é fundamental até mesmo para a criação de um bom senso. Se este esvaziamento representa a dinâmica social cotidiana, o quanto a mesma não influi em um ambiente novo que gerou responsabilidades e obrigações para com o entorno?. Estas questões podem representar um potencializador para o estabelecimento de uma crise do mundo moderno, sobretudo no campo ético.

Partindo dessas considerações, pode-se intuir que Hannah Arendt encontrou na situação vivida por Sócrates um caminho de investigação para a própria crise da modernidade. Para Ribeiro (2012), os jovens que tinham o privilégio de acompanhar as aulas de Sócrates poderiam ser considerados como sujeitos pré-modernos, haja vista que a sua prática era considerada como subversiva para estes jovens. No entanto, entende que a prática filosófica ou cultural de uma época está sempre para bem ou para mal, sintonizada com os padrões de existência de uma época. “Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo”<sup>22</sup>.

Desta forma, conclui-se que se no passado a constituição dos sujeitos se dava por meio de uma ética apoiada em uma reflexão sobre si, atualmente isso é feito com o apoio de códigos, interditos e mecanismos disciplinares (RIBEIRO, 2012). E retomando a questão da autopoiese, isso se explica, pois a sociedade se tornou um circuito fechado, ainda mais diante do contexto da pandemia, em que a dissidência, o contraditório e a pluralidade de pensamento se tornaram ainda mais alvo de críticas, como em um mecanismo traumático de um indivíduo que foi sequestrado, para o qual qualquer comportamento que soe como um desafio às autoridades do “gabinete de crise” pode trazer como resultado, o agravamento da crise.

---

<sup>21</sup> Não há dúvidas que o trabalho é necessário e fundamental, mas não deve jamais ser um meio de escravidão, sim de subsistência. Quando o trabalho tem por objetivo somente a produção, corremos o risco de esquecer o ser humano que ali está, tem uma história e, sendo um pouco mais “radicais”, a própria dignidade humana pode ser colocada em xeque.

<sup>22</sup>AGAMBEN, 2009, p.59.

Para Wolfsdorf (2020), a questão da ética era fundamental para Sócrates, no entanto, o respeito à ética não era o ponto fundamental de seu julgamento, mas seu comportamento considerado desviante em uma época em que o fundamentalismo religioso estava em alta, o que pode ser entendido como reação à uma crise. Conforme Ojakangas (2010), Hannah Arendt se indaga em sua obra acerca do que faz de Sócrates um ser que pensa conscienciosamente. Questão para a qual responde com duas teorias distintas, ao afirmar em primeiro lugar que Sócrates concebe o pensamento como uma atividade que pressupõe o chamado "dois em um", ou seja, como uma atividade que ocorre entre mim e eu mesmo, como um diálogo interior com dois participantes. Por outro lado, e estreitamente relacionado com a primeira condição prévia, Arendt vê Sócrates como um ser pensante, consciente por causa de sua busca por harmonia entre os participantes desse diálogo interior, resultando em uma harmonia da alma.

Na opinião de Arendt, a moral socrática se baseia no pressuposto de que um indivíduo deve ser coerente consigo mesmo. Salienta a mesma que:

Seria melhor para mim que a minha lira ou um coro que eu dirigisse fossem desafinados ou estridentes com dissonâncias, e que multidões de homens discordassem de mim do que eu, sendo um só, estivesse em desarmonia comigo mesmo e me contradissesse<sup>23</sup>.

Conforme Ojakangas (2010), Arendt continua sua análise transformando a máxima aristotélica "o amigo é outro eu" para a máxima socrática "o eu, também, é uma espécie de amigo". E na medida em que alguém é capaz de manter um bom relacionamento com o eu, ou seja, com o amigo ou parente, ele passou no teste da moralidade socrática, baseado no princípio da não-contradição. O que significa dizer que sua alma não se transformou em uma "lira desafinada", característica apenas dos homens maus, como diz Sócrates em *Górgias*.

Assim, é possível perceber que somente os homens pensantes é que são assombrados por uma má consciência e pela possibilidade de tumultos internos. E o próprio ato de dialogar consigo, algo que só acontece "nos raros momentos em que as cartas estão abertas sobre a mesa"<sup>24</sup>, é uma espécie de confronto necessário que leva à um reexaminar todas as atitudes.

---

<sup>23</sup>ARENDT, 2004, p.249.

<sup>24</sup>ARENDT, 2004, p.257.



### 3. Fatalismo

O desfecho da guerra do Peloponeso levou à imposição de um regime ditatorial em Atenas por parte dos vencedores de Esparta, com a indicação de trinta homens atenienses pelo general espartano Lisandro, que passaram a ter plena autoridade sobre a cidade. Tal regime ficou conhecido como o dos Trinta Tiranos, e que teve a duração de oito meses, se caracterizando como um período de terror para a população de Atenas. Nesse ínterim Sócrates foi obrigado a se manter em silêncio e proibido de conversar com menores de 30 anos. No entanto, não se sentiu intimidado e seguiu discutindo com a população ateniense as mazelas da *polis*. Conforme Peixoto (2011), em outra situação, lhe foi exigido que ajudasse a prender Leon de Salamina com o adicional de que seus bens fossem sequestrados. Sócrates se recusou a participar deste ato por considerá-lo injusto.

É importante ressaltar que o Sócrates descrito por Platão e Xenofonte como filósofo sério, ético e crítico audaz das tradições dos costumes e das convenções atenienses, é muito diferente do Sócrates descrito por Aristófanes como um tagarela anti-ético e presunçoso. É por isso que Dorion (2006, p. 27) afirma que o retrato de Sócrates na peça *Nuvens*, de Aristófanes, “é diametralmente oposto ao que nos oferecem Platão e Xenofonte”. Como que explicar a posição de Aristófanes sobre Sócrates tão diferente das posições de Platão e Xenofonte? Dorion (2006, p. 29-30), recorrendo às contribuições de K. J. Dover, afirma que uma hipótese pode ser a de que Aristófanes critica um *tipo* de intelectual por causa das ideias inovadoras e perigosas que propagavam entre os jovens atenienses<sup>25</sup>.

A execução de Sócrates pelo Estado ateniense em 399BCE é um acontecimento dramático na história da filosofia política. E até hoje restam dúvidas no meio histórico e clínico acerca de que veneno teria sido usado para matá-lo, sendo que a hipótese mais difundida e a da cicuta “*Conium maculatum*”, também chamada de salsa dos tolos “*Fools parsley*”<sup>26</sup>.

Assim, Dayan (2009) entende que o assunto ainda merece consideração, pois a exatidão do relato de sua morte produzido por Platão em “*Phaedo*” continua sendo posta à prova e traz diretamente a maior controvérsia sobre a natureza e a qualidade das razões apresentadas para os fatos ocorridos. Esta obra de Platão teria sido alguns meses após a execução de acordo com Dayan (2009), e acredita-se que este não tivesse estado presente

---

<sup>25</sup>PEIXOTO, 2011, p.4.

<sup>26</sup> Cf. DAYAN, 2009.

em sua morte, portanto, seu relato deriva do depoimento de Phaedo feito à Crito. Por sua vez, Xenofonte também não esteve presente na execução, seu relato foi escrito vários anos após o evento, e até aqui não se sabe quais foram suas fontes.

A acusação de não reconhecer os deuses do Estado, introduzir novas divindades e corromper os jovens<sup>27</sup> atenienses foram os motivos que levaram Sócrates a julgamento. Vem a ser julgado, também, por sua “atitude cética”, como quem nunca aceita o conteúdo estabelecido sem uma análise cuidadosa. Ao se defender, Sócrates não recorreu aos pedidos usuais de perdão na época, mas, em vez disso, restringiu-se a apresentar fortes argumentos em defesa de sua inocência. Acerca disso, relata Platão a posição adotada por Sócrates, como ele mesmo (Sócrates) disse:

Ora bem, cidadãos atenienses, devo defender-me e empreender remover de vossa mente, em tão breve hora, a má opinião acolhida por vós durante muito tempo. Certo eu desejaria consegui-lo, e seria o melhor, para vós e para mim, se, defendendo-me, obtivesse algum proveito; mas vejo a coisa difícil, e bem percebo por quê. De resto, seja como deus quiser: agora é preciso obedecer à lei defender-me<sup>28</sup>.

O filósofo argumentou que seu papel era apenas convencer o júri a acreditar na verdade, não apelar. Quando acusado, o júri ofereceu-lhe a possibilidade de exílio, e seu amigo ofereceu uma multa. Sócrates também não o aceitou. O exílio trará a renúncia aos direitos políticos, aos quais os filósofos jamais cederão. Segundo Sócrates, pagar uma multa ou cumprir outra pena semelhante também significa aceitar as acusações. Para defender sua honra, o pensador grego aceitou firmemente a pena de morte para sustentar sua imagem de vida.

O que é possível concluir disto é que estamos tratando de uma pessoa extremamente desapegada, pois em diversas situações uma pessoa teme a morte por não querer se desfazer de seus bens e prazeres terrenos, ou de sua família. O que faz com que a postura de Sócrates se assemelhe a de um samurai, figura histórica japonesa cuja vida gira em torno de se preparar para a morte e conviver com a expectativa dela a todo momento. Ou então com a postura de um monge ortodoxo que “morreu para o mundo” e

---

<sup>27</sup> “Os jovens ociosos, os filhos dos ricos, seguindo-me espontaneamente, gostam de ouvir-me examinar os homens, e muitas vezes me imitam, por sua própria conta, e empreendem examinar os outros; e então, encontram grande quantidade daqueles que acreditam saber alguma coisa, mas, pouco ou nada sabem. Daí, aqueles que são examinados por eles encolerizam-se comigo assim como com eles, e dizem que há um tal Sócrates, perfidíssimo, que corrompe os jovens. E quando alguém os pergunta o que é que ele faz e ensina, não tem nada o que dizer, pois ignoram. Para não parecerem embaraçados, dizem aquela acusação comum, a qual é movida a todos os filósofos: que ensina as coisas celestes e terrenas, a não acreditar nos deuses, e a tornar mais forte a razão mais débil” (PLATÃO, s/d, p.7-8).

<sup>28</sup> PLATÃO, s/d, p.3.

vive apenas para Cristo. Portanto, o mínimo que se espera é que consideremos Sócrates como um espírito elevado que não deixou qualquer resquício de vaidade contaminar suas análises sobre os fenômenos humanos, em específico o da morte. Pois certamente um indivíduo que teme o fim, terá uma visão filosófica acerca desse fenômeno muito diferente da postura evidenciada por Sócrates.

Para Karatzoglou (2019), é certo que a calma de Sócrates diante da morte deve ter parecido bastante extraordinária à época, resultado de uma noção “peculiar” sobre a morte, cujos traços podem ser encontrados em outras obras onde sua atitude diante da morte é menos idiossincrática. Na obra “Apologia”, de Platão, ele mantém uma postura agnóstica e entretém a possibilidade de que a morte não é um mal, e que pode muito bem ser o maior bem que poderia acontecer.

Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que supor-se sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males<sup>29</sup>.

Na abertura de “Críton” ele dorme tão tranquilamente que Críton se pergunta como ele enfrenta seu revés de forma tão leve, e certamente todo leitor ficaria com a impressão de que Sócrates não está de modo algum impactado pela perspectiva da morte. De acordo com Karatzoglou (2019), a visão de Sócrates acerca da morte em obras anteriores a Fédon é incipiente. Portanto, considera que é a partir dessa obra que é possível observar a sua postura perante ao fatalismo como uma estranha mistura de prazer e dor, com o sentimento de pena sendo algo razoável para o momento, embora não sinta essa pena.

Peixoto (2011) aponta que a grande maioria das pontuações acerca de Sócrates feitas por diferentes filósofos, tais como Platão e Xenofonte, o definem como um filósofo que se dedicou integralmente à busca dos princípios de uma vida ética “até o ponto de perdê-la”<sup>30</sup>. Sócrates não se deixou levar pelas possíveis benesses que a vida política e intelectual poderia lhe render, pois acreditava que sua missão era servir à sociedade de Atenas, o que envolvia viver uma vida justa e honesta e promover a formação de indivíduos sábios, igualmente honestos, temperados e plenos de virtudes<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> PLATÃO, 1987, p.46.

<sup>30</sup> DORION, 2006 *apud* PEIXOTO, 2011, p.4.

<sup>31</sup> “Diz Sócrates na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão, não tenho nenhum cuidado com aquilo de que a maioria das pessoas cuida, negócios de dinheiro, administração de bens, cargos de estratégia, sucessos oratórios em público, magistraturas, coalizões, facções políticas. Engajei-me não nesta via... mas naquela onde, a cada um dos senhores em particular, eu farei o maior bem tentando persuadi-lo de se preocupar

E talvez um dos maiores exemplos disso foi o fato de não ter desejado publicar fisicamente os seus pensamentos, ou seja, não estaria atrás de fama e não se importaria em ser esquecido após a sua passagem pela terra. No entanto, a sua atividade intelectual promoveu um impacto tão profundo na sociedade de sua época que o seu pensamento se perpetuou por meio da obra de seus colegas.

Depois de sua morte, eclodiu uma rica produção literária que tomava Sócrates por personagem central. Seus discípulos fazem-lhe a defesa póstuma e apresentam-no como modelo da sabedoria e das virtudes humanas: Platão torna-o a figura principal da maioria de seus Diálogos, Xenofonte exalta-o principalmente nas 'Memoráveis', Esquines, em diversas obras (que se perderam)<sup>32</sup>.

Segundo Das (2008), é somente estando dentro do deserto do real que é possível pensar sobre a morte e o fatalismo de forma filosófica. Nesse sentido, defende que a máxima de Sócrates acerca de a tarefa da filosofia ser aprender a morrer está diretamente ligada à questão da imortalidade da alma, visto que filosofar parece ser significativo apenas na medida em que a existência não é tão somente permanecer com a morte, mas transcendê-la para renascer, sobreviver e ser imortal. Sócrates estabelece uma conexão mais íntima entre filosofia e finitude, ou seja, da filosofia como pensamento essencialmente finito. De todo modo, a temática da finitude e da morte continuam sendo um dos mais polêmicos, não apenas no âmbito da filosofia, mas para a sociedade como um todo<sup>33</sup>.

Esta tentativa de pensar a existência em sua finitude, na medida em que ela é a "facticidade" da existência, isto é, inerente ao próprio ato de existir, continua a ser direcionada do próprio pensamento na medida em que o pensamento deve tentar compreender a existência por meio desta mesma facticidade. Assim, aprender a existir e aprender a morrer na medida em que se configura como aprender a captar a existência em sua finitude é, ao mesmo tempo, manter a existência em toda sua facticidade. Portanto, de acordo com Das (2008), o pensamento filosófico deve ter esta relação mais íntima com o que Platão chama de *anamnese*, na forma de uma transfixação e transfiguração da existência e realização da existência através desta obra transfiguradora. Para este fim, a

---

menos com o que tem do que com o que é, para tornar-se tão excelente e razoável quanto possível" (HADOT, 2014, p.104).

<sup>32</sup>PEIXOTO, 2011, p.4.

<sup>33</sup> São temas que afetam diretamente a existência humana, o cotidiano e, justamente por isso leva o ser humano a se questionar sobre tais problemas.

memória nada mais é do que certa realização ou manifestação da existência, do ponto de vista filosófico.

Assim, conclui que aprender a morrer é aprender a realizar a existência, desde a própria existência. É como dizer que a existência é aquilo que se deve realizar, de modo que existindo finitamente se pode apropriar da mesma, torná-la mais verdadeira e palpável. Nesse sentido salienta Ortega Y Gasset (2016, p.239) que:

O homem de cabeça clara é aquele que se liberta dessas “ideias” fantasmagóricas e olha a vida de frente, e assume que tudo é problemático nelas, e se sente perdido. Como isso é a pura verdade – a saber, que viver e se sentir perdido –, aquele que o aceita começou a se encontrar, já começou a descobrir sua autêntica realidade, já está em terra firme. Instintivamente, como náufrago, buscará algo a que se agarrar, e essa busca trágica, peremptória, absolutamente veraz, por que se trata de salvar-se, o fará ordenar o caos de sua vida. Essas são as únicas ideias verdadeiras: as ideias dos náufragos. O resto é retórica, postura, farsa íntima. Aquele que não se sente verdadeiramente perdido, perde-se inexoravelmente; quer dizer, jamais se encontra, nunca encara a própria realidade.

Desse modo, conforme vai se investigando o “deserto” e caminhando, mais a paisagem vai se tornando uma montanha escarpada, cheia de altos e baixos, mas algo muito mais palpável do que viver de memórias, de sombras e de coisas sem materialidade.

### **Considerações finais**

Este trabalho visou apresentar o pensamento socrático e seu legado para a filosofia, apontando como o mesmo se aplica em um mundo marcado por crises éticas e dilemas morais. Buscamos expor qual a contribuição que o pensamento de Sócrates pode trazer ao âmbito cotidiano, nos inspirando no desfecho trágico pelo qual o próprio filósofo experienciou. Estamos vivenciando um período em que somos chamados a questionarmos sobre o valor da vida, as relações sociais e sobre “o desenvolvimento”. Com a pandemia, muitas pessoas perderam entes queridos, conseguimos notar, com isso, que o dinheiro e o poder não impediram de que muitos se livrassem do vírus e acabaram perdendo a própria vida, sendo pessoas que eram tidas por “poderosas”.

Com este estudo, apesar de elementar, dado que o objetivo consistiu em realizar apenas alguns apontamentos, é possível notar, a partir da exposição sobre a figura de Sócrates, que sua forma de ver o mundo pode ser uma possibilidade de retomada hoje. Uma possibilidade para respondermos às dificuldades que afetam o ser humano

contemporâneo, principalmente nesse cenário pandêmico, onde muitos governantes se preocuparam mais com a economia e o mercado do que com a pessoa em si. E aí poderíamos resgatar a reflexão de Hannah Arendt sobre os regimes totalitários e a consciência humana. O pensamento socrático, nesse sentido, seria de grande contribuição para reexaminarmos o que é realmente essencial e imprescindível. Alguém que se conhece e alcança essa liberdade que Sócrates atingiu é uma pessoa que entende que as circunstâncias não dependem dela, mas sim a atitude perante as situações. Além disso, compreende que não há o que temer, visto que determinadas situações não dependem dela.

Sócrates é um convite a olharmos a dimensão da interioridade, em vista da construção de uma sociedade mais ética. Uma sociedade ética só é possível à medida que existe um ser humano ético, e aqui entendemos a ética fruto de um processo interior que será exteriorizado e só assim acontecerá a transformação da sociedade. Enquanto os Sofistas se preocupavam na arte do bem falar e do convencimento, não se importando com a verdade, Sócrates se preocupa com a interioridade e com a transformação pessoal, não com a fama e bem-estar social. Nesse sentido, ressoa também um convite urgente e necessário não só para repensarmos a nossa interioridade, mas a sociedade como um todo, os governos, as estruturas sociais, a forma como nos relacionamos. É preciso reexaminar se as próprias estruturas sociais e se a educação está em vista da formação de um ser humano ético. Um ser humano que se desenvolva num processo integral e seja um agente transformador na sociedade, ou se ela está apenas em vista da formação de uma pessoa que ocupe uma função social e desempenhe um papel tendo como foco o “desenvolvimento”, isto é, o objetivo de suprir a “mão-de-obra”.

## **Referências**

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. **A Companion to Socrates**. Blackwell: Oxford, 2006.
- ARENDT, H. *Responsabilidade e julgamento*. Trad. R. Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DAS, S. B. *To Philosophize is to Learn How to Die*. Disponível em: <<https://www.oalib.com/paper/2125401>>. Acesso em 04 abr. 2021.
- DAYAN AD. *What killed Socrates? Toxicological considerations and questions*. Disponível em: <<https://pmj.bmj.com/content/85/999/34>>. Acesso em 04 abr. 2021.
- DORION, L.-A. *Compreender Sócrates*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HADOT, P. *Elogio de Sócrates*. São Paulo: Loyola, 2012.

- \_\_\_\_\_. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- KARATZOGLU, O. *Self and body in Plato: Phaedo, Republic, Timaeus*. *Classical Philology*. University of Illinois at Urbana-Champaign, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2142/104751>>. Acesso em 04 abr. 2021.
- MELO, L. F. B. *Sócrates e a influência dos cultos de mistério no Êutifron*. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15591>>. Acesso em 02 Abr 2021.
- MULINARI, F. *Ética e justiça social em tempos de pandemia*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43948>>. Acesso em: 31 out 2021.
- NAILS, D. The Trial and execution of Socrates. AHBEL-RAPPE, S.; KAMTEKAR, R. *A Companion to Socrates*. Blackwell: Oxford, 2006.
- OJAKANGAS, M. "Arendt, Socrates, and the ethics of conscience". In: \_\_\_\_\_. (ed.). *Hannah Arendt: practice, thought and judgement*. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2010. p. 67-85.
- ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.
- PASSOS, F. A. *As consequências da condenação de Sócrates: a crítica de Hannah Arendt ao solipsismo moderno*. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23761>>. Acesso em: 04 abr 2021.
- PLATÃO. *Defesa de Sócrates in: Coleção os Pensadores. Sócrates*. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Apologia de Sócrates*. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270801/mod\\_resource/content/1/platao%20apologia%20de%20socrates.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/270801/mod_resource/content/1/platao%20apologia%20de%20socrates.pdf)>. Acesso em: 31 Out 2021.
- PEIXOTO, A; J. Sócrates, a Filosofia e a Questão da Morte. *Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1642>>. Acesso em: 04 abr 2021.
- PIMENTA, O. *O exemplo de Sócrates*. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/165475>>. Acesso em 02 abr. 2021.
- RIBEIRO, S. E. *Ensino de Filosofia na Escola: (im) possibilidades ante a crise da modernidade*. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/522>>. Acesso em 04 abr 2021.
- ROCHA, Z. Ética, cultura e crise ética de nossos dias. *Síntese: Revista de Filosofia*, v. 34, n. 108, p. 115-131, 2007. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/227>>. Acesso em 04 abr 2021.
- SILVA, T. D. *Mal, modernidade e pensamento em Hannah Arendt: Sócrates e Eichmann em perspectiva*. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: doi:<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-08112013-120047/pt-br.php>>. Acesso em 04 abr. 2021.
- TARNAS, R. *A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as deusas que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- VAZ, H. C. L. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Recebido em: 16/02/2022  
Aprovado em: 29/04/2022